

Inventou um tipo novo de sujeito: Características sintáticas e semânticas de uma estratégia de indeterminação do sujeito no português brasileiro

Marcus Vinicius da Silva Lunguinho¹
Paulo Medeiros Júnior²

Resumo: Este trabalho discute uma estratégia de indeterminação do sujeito no português brasileiro (PB), caracterizada por apresentar verbo transitivo na terceira pessoa do singular e uma categoria vazia na posição de sujeito. Argumentamos que essa construção resulta de uma série de mudanças no PB como a perda dos clíticos, perda da concordância verbal e rigidificação da ordem sujeito-verbo-objeto.

Palavras-chave: Indeterminação do Sujeito. Princípios e Parâmetros. Sujeito nulo.

Abstract: This paper analyzes a strategy of subject indetermination in Brazilian Portuguese (BP), understood as presenting a transitive verb in third person singular and an empty category on subject position. We argue that this construction is derived from a series of changes affecting BP such as loss of clitic, impoverishment of the verbal morphology and the rigidity of the subject-verb-object order.

Keywords: Indetermination. Null subject. Principles and Parameters.

1 INTRODUÇÃO

A gramática de uma língua pode ser abordada de diferentes perspectivas. Para Chomsky (1981; 1986), a linguagem deve ser entendida como um sistema de conhecimentos interiorizados na mente humana, a *competência*, cujas bases podem ser acessadas a qualquer momento pelo falante e postas em uso nas mais diversas situações. As situações de uso ou instâncias de ativação daquilo que Chomsky chamou *desempenho* põem em atividade e transformam num organismo altamente funcional e complexo os conjuntos de possibilidades de estruturação de uma determinada língua, numa atividade incessante de articulação recursiva dos processos responsáveis pela construção das estruturas linguísticas dessa língua particular.

Numa abordagem inatista do fenômeno da linguagem, Chomsky entende os seres da espécie humana como sendo dotados de uma Faculdade de Linguagem – uma espécie de Gramática Universal (doravante GU) – que os habilita a utilizar, de forma altamente elaborada, qualquer instância de linguagem, desde que expostos um dia a uma comunidade linguística.

Uma das abordagens mais recentes da teoria inatista de Chomsky, a Teoria de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981; 1986), propõe que a GU se constitui num conjunto de *princípios* rígidos, leis gerais a que todas as línguas humanas devem

¹ Graduado em Letras pela Universidade de Brasília (UnB), mestre em Linguística pela mesma instituição. Atualmente, é doutorando em Linguística da USP, com atuação na área de Sintaxe das Línguas Naturais. E-mail: marcusvsl@usp.br

² Graduado em Letras e mestre em Linguística pela Universidade de Brasília (UnB). Atualmente é doutorando em Linguística da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), onde desenvolve pesquisa na área de Sintaxe das Línguas Naturais/Linguística Histórica. E-mail: medeirosjunior33@gmail.com

obedecer e *parâmetros*, cujo valor final é atingido por meio da fixação de uma opção entre duas possíveis. É nos parâmetros que encontramos o *locus* da variação entre as línguas. A GU deve, portanto, refletir a estrutura ou organização universal da mente humana, que compreende os *princípios*, universais e rígidos, e os *parâmetros*, princípios abertos.

Deve-se a essa teoria a proposta da existência de um parâmetro denominado *Parâmetro do Sujeito Nulo* (ou parâmetro *pro-drop*), que é responsável por distinguir as línguas entre aquelas que permitem um sujeito foneticamente nulo em frases finitas (línguas de sujeito nulo ou línguas *pro-drop*) e aquelas não permitem.

Segundo o que propõe Chomsky, línguas *pro-drop* condensam as seguintes propriedades específicas:

- (i) possibilidade de omissão do pronome sujeito em orações finitas;
- (ii) inversão da ordem sujeito-verbo em sentenças simples;
- (iii) movimento-Qu de sujeito de longa distância;
- (iv) pronomes resumptivos vazios em sentenças encaixadas;
- (v) possibilidade de violação do filtro [*that-trace*]

(CHOMSKY, 1981, p. 240)

Línguas como o português, o espanhol, o italiano e o latim são línguas de sujeito nulo ao passo que o inglês, o alemão e o francês compõem o segundo grupo, a saber, o das línguas de sujeito não nulo.

A característica de língua *pro-drop* se manifesta em português na presença do que se denomina sujeito desinencial ou oculto, sujeito inexistente e sujeito indeterminado, cujos exemplos são dados a seguir:

- (1) a. Vou sair agora.
b. Choveu muito ontem.
c. Dizem que Maria vai viajar.

Em todos os exemplos acima não há, na posição de sujeito, um elemento nominal com material fonológico, diferentemente do que ocorre com línguas de sujeito não nulo como o inglês:

- (2) a. I am going now (*Am going now)
b. It rained a lot yesterday (*Rained a lot yesterday)
c. People say that Mary is going to travel (*Say that Mary is going to travel)

Essa diferença entre as línguas no tocante ao licenciamento de categorias vazias na posição de sujeito foi a motivação inicial para a proposta da existência do Parâmetro do Sujeito Nulo.

Neste artigo especificamente tratamos dessa última forma de constituição do sujeito nulo, o sujeito indeterminado, situação em que não se consegue construir uma

referência precisa para o ser sobre o qual se faz algum tipo de declaração por meio do predicado (como o que se vê no dado em 1c).

A Gramática Tradicional parece manter um consenso sobre a manifestação do sujeito indeterminado em português. A ideia comum é a de que numa sentença com esse tipo de sujeito, o verbo faz referência a uma entidade indeterminada que assim é caracterizada ou apresentada porque o falante não tem a intenção de revelar sua identidade, por não saber efetivamente a quem remete o verbo (cf. BECHARA, 1999; CUNHA; CINTRA, 1985; KURY, 1990; ROCHA LIMA, 1994).

Parece haver também acordo entre os autores tradicionais quanto às estratégias que o português adota para promover a indeterminação do sujeito. Em geral, afirma-se que o sujeito de uma oração será indeterminado quando:

1 – apresentar verbo na terceira pessoa do plural sem qualquer referência anterior a *eles, elas* ou substantivos no plural, como mostram os dados a seguir:

- (3) a. *Mataram* um rapaz no show do Zezé di Camargo e Luciano ontem.
- b. *Montaram* o armário lá em casa semana passada.
- c. *Roubaram* minha carteira.

2 – apresentar verbo (transitivo indireto, intransitivo ou de ligação) na terceira pessoa do singular, acompanhado do pronome *se* (entendido como uma espécie de índice de indeterminação do sujeito) como se pode ver em (4):

- (4) a. *Precisa-se* de empregada.
- b. Aqui *se é* feliz.
- c. *Come-se* bem naquele estado.

Registra ainda a Gramática Tradicional que os verbos presentes em construções como as que se mostram em (3) devem ser do tipo transitivo direto, enquanto verbos transitivos indiretos, verbos intransitivos ou verbos de ligação participam de estruturas sintáticas como as que se apresentam em (4).

Além dessas duas estratégias de indeterminação do sujeito, o português brasileiro (doravante PB) tem optado por outros caminhos que conduzem igualmente a uma interpretação indeterminada para o sujeito das sentenças. Uma delas, evidenciada nos dados em (5), apresenta o uso de sintagmas/pronomes com significação imprecisa:

- (5) a. *Aí você se* descuida e vem todo mundo em cima de você.
- b. Quando *a pessoa* vai lá não tem ninguém para atender.
- c. *Alguém* roubou meu lanche.
- d. Se você fizer isso, depois *neuim* vai te encher a paciência.
- e. *O cara* vem aqui para se consultar e o médico nunca está.
- f. *O pessoal* vem, come pra caramba e ainda sai reclamando.

Essa estratégia - exatamente como as anteriores - transmite a ideia de indeterminação do sujeito sem, contudo, deixar vazia a posição de sujeito. Muitos trabalhos atualmente têm discutido esses dados, em especial pelo fato de eles terem ligação com a questão de haver nessa língua uma grande tendência ao preenchimento da posição de sujeito, numa trajetória de provável alteração no Parâmetro do Sujeito Nulo (cf. OLIVEIRA, 1990; DUARTE, 1993; 2003; KATO, 1999; MODESTO, 2004; RODRIGUES, 2004 a,b).

Este trabalho, entretanto, pretende pôr em discussão um tipo de construção que tem se tornado cada vez mais comum no PB, que são construções como as que aparecem em (6). Ao que tudo indica, trata-se de uma nova estratégia de indeterminação do sujeito, que se constrói com uma forma verbal transitiva flexionada na terceira pessoa do singular, mas sem o tradicional *se*, que seria exigido nessas circunstâncias, como prevêem as gramáticas. Ressalte-se que um tipo de construção sintática com essas características é terminantemente rejeitado pela visão normativa. Sejam os dados:

- (6) a. *Matou* um rapaz no show do Zezé di Camargo e Luciano ontem.
- b. *Montou* o armário lá em casa semana passada.
- c. *Telefonou* aí da CEB para você.
- d. *Lava* sofá.
- e. *Joga-se* búzios e *faz* amarração para o amor.
- f. Não *usa* mais saia (Galves, 2001)
- g. Não *tá* mais contratando gente para trabalhar.

É tarefa deste artigo discutir a natureza sintático-semântica dessa construção em particular, procurando abordar - entre outros aspectos - como ela surgiu, isto é, que fatores propiciaram o surgimento de uma tal estratégia de indeterminação no PB.

2 CARACTERÍSTICAS DA CONSTRUÇÃO EM FOCO

Conforme mencionado anteriormente, a construção em estudo - do ponto de vista sintático - se caracteriza, por:

- a) apresentar verbo transitivo direto na terceira pessoa do singular; e
- b) apresentar um sujeito foneticamente nulo.

Sua estrutura é: Ø matou [3ª Pessoa Singular] um cara naquela festa ontem.

Do ponto de vista semântico, a ação denotada pelo verbo *matar* é claramente atribuída a algum indivíduo cuja referência não pode ser determinada no universo do discurso. Efetivamente, a informação transmitida pela sentença em questão é a seguinte: *alguém* matou um cara naquela festa ontem (alguém que não se consegue definir exatamente).

A sintaxe desse tipo de sentença ainda apresenta uma característica curiosa: ela parece à primeira vista estar na contramão do percurso de preenchimento do sujeito que, conforme já se afirmou, parece ser uma tendência concreta na língua. Trabalhos como os de Duarte (1993); Kato (1999; 2000); Modesto (2004); Rodrigues (2004 a,b) têm atestado que, entre as características do PB, está o fato de essa língua não mais licenciar sujeitos nulos referenciais sem antecedente discursivo. Dados como os que aparecem em (7) ilustram essa questão:

- (7) a. *Chegou ontem.
b. *Vai para casa.

Segundo esses trabalhos, o PB só licencia tais sujeitos em orações encaixadas; é o que se vê em (8) e (9):

- (8) A menina_i disse que ____i vai para casa.
(9) A Maria_i, a Ana acha que ____i vai casar em agosto.

Se, por um lado, o PB perdeu a possibilidade de licenciar sujeitos nulos referenciais, (exceto se eles estiverem em orações encaixadas), por outro lado, ele ainda conserva sujeitos nulos não referenciais (ou arbitrários) e expletivos. Vejam-se os dados em (10) e (11):

- (10) Mexeram em meus documentos → sujeito nulo argumental não-referencial
(11) Choveu → sujeito nulo não argumental (expletivo)

A construção que este trabalho põe em análise é um caso de sujeito nulo argumental e não referencial:

- (12) Matou uns dez lá no comício ontem → sujeito nulo argumental não-referencial

Na próxima seção tentamos apresentar uma proposta para o surgimento desse tipo de construção, levando em consideração as mudanças pelas quais a gramática do PB está passando.

3 DAS ORIGENS DESSA ESTRUTURA

Considerando que não se trata de uma estratégia digamos “regular” de indeterminação do sujeito (pelo menos não dentro daquilo que a GT considera como regular), ou mesmo de alguma outra estratégia de indeterminação como as que se evidenciaram nos dados em (3), faz-se necessário que se analise – além das propriedades sintático-semânticas dessas construções – o caminho da constituição desse tipo de estrutura sintática no PB. É o que passamos a fazer nas seções a seguir.

3.1 O ENFRAQUECIMENTO DA CONCORDÂNCIA EM PORTUGUÊS BRASILEIRO

Os trabalhos que enfocam a questão da mudança do Parâmetro do Sujeito Nulo no PB tendem a relacionar essa mudança à perda ou enfraquecimento da concordância verbal na língua. O passo inicial dessa perda foi a entrada, no sistema pronominal, da forma *você*, que é semanticamente de 2ª pessoa, mas que leva o verbo a uma concordância semelhante à de 3ª pessoa (cf. DUARTE, 1993; LOPES, 1999). Com isso, o paradigma verbal diminui de seis formas verbais para quatro formas, como se vê no quadro 1.

PB ANTES DA INSERÇÃO DE VOCÊ	PB DEPOIS DA INSERÇÃO DE VOCÊ
EU ando	EU ando
TU andas	TU anda
ELE anda	VOCÊ anda
NÓS andamos	ELE anda
VÓS andais	NÓS andamos
ELES andam	VOCÊS andam
	ELES andam

Quadro 1: O paradigma verbal do Português Brasileiro e a inserção de *você* no inventário pronominal

Com essa mudança, o paradigma não é mais capaz de distinguir 2ª pessoa de 3ª apenas com base nos morfemas verbais; daí surge a necessidade de explicitar o sujeito. Essa simplificação também está associada à perda de concordância, fato que conduz à inexistência de mecanismos de concordância regulares como descrevem as GTs, mas uma concordância altamente variável, como confirmam os dados em (13) a seguir:

- (13) a. Eles andam ~ eles anda
 b. Eles andaram ~ eles andou ~ eles andaru

Além disso, um processo de gramaticalização da expressão nominal *a gente*, tal como descrito em Omena e Braga (1996), Lopes (1999) e Omena (2003), altera por completo a noção de referência à primeira pessoa do plural. Esse sintagma, passando a pronome, traz consigo os traços semânticos de pluralidade, mas conserva uma concordância formal de terceira pessoa, o que representa uma simplificação ainda maior no paradigma verbal. Assim, o quadro 1 pode ser reestruturado como quadro 2:

PB ANTES DA INSERÇÃO DE VOCÊ	PB DEPOIS DA INSERÇÃO DE VOCÊ	PB DEPOIS DA INSERÇÃO DE A GENTE
EU ando	EU ando	EU ando
TU andas	TU anda	TU anda
ELE anda	VOCÊ anda	VOCÊ anda
NÓS andamos	ELE anda	ELE anda
VÓS andais	NÓS andamos	A GENTE anda
ELES andam	VOCÊS andam	VOCÊS andam
	ELES andam	ELES andam

Quadro 2: O paradigma verbal do PB após a inserção de *a gente* no sistema pronominal

3.2 A PERDA DOS CLÍTICOS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Trabalhos como os de D'Albuquerque (1983), Duarte (1986), Cyrino (1993; 1997), Pagotto (1993) e Nunes (1991; 1993) têm atestado um processo de mudança no PB no que concerne à existência dos clíticos. A constatação é a de que a língua tem perdido seus clíticos sistematicamente. Para Cyrino (1993), o desaparecimento do clítico acusativo de 3ª pessoa tem relação direta com a questão do aumento na ocorrência de objetos nulos na língua. A proposta de Nunes (1991; 1993) associa o problema dos clíticos em PB a questões de natureza fonológica. Pagotto (1993) argumenta que esse processo de desaparecimento dos clíticos no PB tem relação direta com a mudança de posição dos clíticos nessa língua em comparação com o Português Europeu (daqui em diante PE).

Assim, nos poucos contextos em que ainda resistem, os clíticos no PB se comportam de maneira totalmente diversa do que ocorre no PE. O que ocorre com o PB em oposição ao PE, pode ser visto nos dados a seguir:

- (14) a. Vi-*o* no parque esta manhã (PE)
- b. Vi *ele* no parque (PB)
- (15) a. Entregamos-*lhe* a correspondência (PE)
- b. *Lhe* entregamos a correspondência (PB)
- (16) a. Eu *a* vi ontem na rua (PE, *a* refere-se a uma 3ª pessoa)
- b. Eu *a* vi ontem na rua (PB, *a* pode referir-se tanto à 2ª pessoa quanto à 3ª pessoa)

O que se nota é que em PB também os reflexivos têm passado por um processo sistemático de redução, fato que se evidencia em dados como (17) e (18) a seguir (ALBUQUERQUE, 1983, p. 11-12):

- (17) a. Ele se chama José.
- b. Ele chama José.
- (18) a. Ele não se arrepende de ter feito a compra.
- b. . Ele não arrepende de ter feito a compra.

3.3 A RIGIDIFICAÇÃO DA ORDEM SUJEITO - VERBO - OBJETO

Uma terceira característica do PB, que talvez esteja relacionada ao tipo de construção que este artigo põe em foco, é que ele perdeu a sua “elasticidade” quanto à disposição dos constituintes. Nessa língua, parece ter havido uma rigidificação da ordem dos constituintes, sendo mais comum encontrarmos o padrão sintático SUJEITO - VERBO - OBJETO. A ordem VERBO - SUJEITO existe, mas em certas construções muito particulares (cf. FIGUEIREDO SILVA, 1996; KATO, 1999; PILATI, 2002; 2006), como ilustram os dados em (19) a seguir.

- (19) a. Chegou uma carta aí para você.
b. Telefonou um cara aí.
c. Ergue o braço o juiz.

4 COMBINANDO MUDANÇAS

Como se afirmou acima, as mudanças ilustradas anteriormente podem ter sido as responsáveis pelo surgimento das construções aqui analisadas. Com a perda da concordância verbal, passou a haver uma identidade superficial entre as construções de indeterminação do sujeito (sempre na 3ª pessoa do singular, seguidas de *se*) e as passivas sintéticas (seguidas de *se*, mas agora sem concordância verbal plural).

- (20) a. Precisa-se de balconistas (sujeito indeterminado)
b. Vendem-se casas (passiva sintética)
c. Vende-se casas (estrutura de indeterminação do sujeito)

Nessa discussão em particular, cabe ressaltar o papel que podem ter tido estruturas como as que se ilustram em (21):

- (21) a. Vende-se lindo carro.
b. Doa-se lindo casal de cachorros da raça pastor alemão.

Essas frases são, do ponto de vista estrutural, ambíguas entre uma interpretação como passiva e uma interpretação como indeterminada, pois temos em ambas o verbo na 3ª pessoa do singular que pode ser analisado tanto como o reflexo da concordância com o sujeito pós-verbal, no caso de interpretação da sua estrutura como passiva, ou como a forma invariável que caracteriza uma construção indeterminada quando da presença do *se*. Adotando a ideia de Lightfoot (1999), segundo a qual a aquisição se dá por meio de pistas estruturais que o *input* oferece, poderíamos dizer que temos aqui um caso em que o *input* é ambíguo entre duas possíveis análises estruturais:

- (22) a. Estrutura passiva: pro V [traços-φ] se DP [3ª Pessoa Singular]
-
- Agree

Tais mudanças, a nosso ver, foram os gatilhos que deram origem a essa estrutura tão comum à sintaxe do português brasileiro.

Na próxima seção analisamos características semânticas dessas construções.

5 AS INTERPRETAÇÕES DO SUJEITO INDETERMINADO

Como dissemos anteriormente, estruturas como (23) têm uma interpretação indeterminada, que agora passamos a chamar arbitrária, pois não podemos definir ao certo a referência do pronome nulo (*pro*) na posição do sujeito:

- (23) a. *pro* matou um rapaz no show do Zezé di Camargo e Luciano ontem.
- b. *pro* montou o armário lá de casa semana passada.
- c. *pro* telefonou aí da CEB para você.
- d. Não pise aí não porque ainda não *pro* limpou o chão daí.
- e. *pro* lava sofá.
- f. Joga-se búzios e *pro* faz amarração para o amor.
- g. *pro* não usa mais saia (GALVES, 2001)
- h. *pro* não tá contratando gente ainda não.

Analisando, porém, a interpretação dessa categoria vazia, vemos que as sentenças acima podem ser divididas em dois grupos, o daquelas cuja interpretação é genérica e o daquelas cuja interpretação, apesar de indeterminada, não é genérica tendendo mais para uma leitura episódica.

As sentenças que se interpretam como genéricas têm uma característica comum: o verbo no presente do indicativo (23f-h). Já aquelas sentenças às quais não se pode atribuir uma interpretação genérica aparecem com verbo no pretérito perfeito (23a-e). Disso podemos aventar uma hipótese para explicar essa diferença interpretativa:

Interpretação de pro e sua relação com o operador temporal

É a interação do caráter arbitrário de *pro* com o operador temporal (presente X pretérito perfeito) que causa as diferenças de interpretação desse pronome:

- a) quando *pro* interage com um operador genérico, sua interpretação é genérica;
- b) quando *pro* interage com um operador episódico, sua interpretação é também episódica.

Dado o fato de o presente, em português brasileiro, não ser tão usado com valor temporal, prestando-se mais à descrição de estados ou de hábitos (compare-se *Eu trabalho* X *Eu estou trabalhando*) é de esperarmos que essa sua característica seja relevante para a interpretação de *pro*. Na frase *Não usa mais saia*, descreve-se uma situação em que é comum que as pessoas não mais usem saia. É a afirmação de VÁRIAS situações que se repetem e nas quais vários sujeitos diferentes não mais usam

saia. Essa repetição da mesma situação/ação dá a sentença uma leitura genérica. Devido a isso, ela se torna a afirmação de uma situação que se tornou corrente, habitual.

Já na frase *Montou o armário lá de casa semana passada*, temos a afirmação de UM ÚNICO fato, um fato episódico em que um sujeito montou ou grupo de sujeitos montaram *o armário lá de casa*. Essa diferença de interpretação que os tempos verbais trazem para a sentença aliada à arbitrariedade de *pro* gera a leitura que ele exhibe em cada um dos contextos³.

Além disso, verbos no presente como em *Lava sofá*, parecem enfatizar o evento em si, sem que se precise associar a ele um agente determinado. Conforme argumentado anteriormente, nesses casos, a atividade denotada pelo verbo pode ser realizada por diversas entidades no universo do discurso, repetidas vezes. É o que se percebe nos dados a seguir:

- (24) a. Ali vende garrafa pet.
b. Distribui figurinhas lá minha rua todo sábado.
c. Faz amarrações pro amor.

Verbos no pretérito perfeito (como os que aparecem nos dados em 25), por sua vez, parecem forçar uma leitura em que um agente é necessariamente pressuposto. Vejamos:

- (25) a. Pintou o portão na casa da vovó sábado.
b. Comprou esse livro semana passada.
c. Limpou tudo que é janela ontem.

A diferença de que falamos acima pode ser mais claramente percebida pela maneira como podemos parafrasear os dados com verbo no presente como em (24) e os dados com pretérito perfeito como em (25). Estruturas como as que se mostram em (24) são parafraseáveis por estruturas passivas clássicas:

- (24) a'. Ali se vende garrafa pet.
b'. Distribuem-se figurinhas lá na minha rua todo sábado.
c'. Fazem-se amarrações para o amor.

Os dados em (2), por sua vez, são facilmente parafraseáveis como a seguir:

- (25) a'. Pintaram o portão na casa da vovó sábado.
b'. Compraram esse livro semana passada.
c'. Limparam tudo que é janela ontem.

³ Fica por analisarmos se é de fato o operador temporal que causa essa diversidade de interpretação para *pro* ou se é o Aspecto presente nos tempos verbais do português que causa essa mudança de interpretação. Se for o Aspecto, podemos levantar a hipótese de que é a oposição perfectivo X imperfectivo que tem impacto nas interpretações de *pro*: a) o aspecto perfectivo levaria sempre a uma interpretação episódica, dada a completude do evento e a possibilidade de olharmos para esse evento como um todo indiviso; b) o aspecto imperfectivo levaria a uma interpretação genérica dado o fato de o evento considerado ser olhado do ponto de vista de seu decorrer, de suas partes constitutivas.

Talvez essa diferença na interpretação possa estar relacionada com a telicidade dos eventos denotados em (25) e a atelicidade dos eventos denotados em (24). A noção de um evento que se conclui parece exigir de forma mais contundente uma leitura mais definida do agente, ou por outra, esse tipo de evento resgata o agente, enquanto verbos que denotam processos (eventos atélicos) tendem a focar no evento, sem que relevância seja dada ao agente. Essa questão, todavia, ainda carece de maior investigação.

6 A VARIAÇÃO SUJEITO MANIFESTO/SUJEITO NULO

O que se diz na literatura sobre o sujeito nulo do PB é que esse sujeito só é licenciado em contextos precisos: orações encaixadas. Em orações matrizes, a tendência é a realização do sujeito. Uma questão que a construção em análise levanta é a da variação de estruturas e a diferença de interpretação que essa variação condiciona. Para tanto, consideremos os contrastes a seguir:

- (26) a. Ele matou um cara no show do Zezé de Camargo e Luciano.
b. Você matou um cara no show do Zezé de Camargo e Luciano.
c. A gente matou um cara no show do Zezé de Camargo e Luciano.
d. *Pro* matou um cara no show do Zezé de Camargo e Luciano.
- (27) a. Ele não tá mais contratando gente.
b. Você não tá mais contratando gente.
c. A gente não tá mais contratando gente.
d. *Pro* não tá mais contratando gente.

Em cada um desses casos, a presença/ausência de sujeito manifesto leva a mudanças de interpretações da sentença. Nas frases (a-c) de cada exemplo, temos os sujeitos manifestos e a interpretação da sentença é a de sujeito determinado. Já nas frases (d) de cada exemplo, temos o sujeito nulo com interpretação indeterminada. Parece não haver variação de interpretação. Tal diferença seria devida a quê?

Observando as formas verbais dos exemplos, podemos ver que são as mesmas formas tanto para o sujeito indeterminado quanto para o determinado. Essa semelhança de formas pode ser a chave para a explicação desses contrastes interpretativos. Poderíamos argumentar dizendo que em orações matrizes, a presença do sujeito é necessária quando temos casos de interpretação determinada ao passo que a ausência do sujeito manifesto é necessária para a interpretação indeterminada, arbitrária. Nesse caso, poderíamos dizer que, frente à impossibilidade de a flexão verbal, dar pistas para encontramos o sujeito de uma sentença matriz, o português do Brasil apresenta uma especialização de estruturas para licenciar certas interpretações desses sujeitos:

- a) sujeito nulo matriz → estrutura de interpretação indeterminada, não-referencial

- b) sujeito não nulo matriz → estrutura de interpretação determinada, referencial

Com essa afirmação, estamos de acordo com os resultados de pesquisas anteriores que tendem a afirmar que o Português do Brasil perdeu a possibilidade de licenciar sujeitos nulos referenciais ao passo que mantém a possibilidade de licenciar sujeitos nulos não referenciais.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das estruturas com sujeito indeterminado no PB revelou que, além das estratégias de indeterminação clássicas arroladas pela gramática tradicional, que prevê indeterminação do sujeito com verbos na terceira pessoa do plural ou na terceira pessoa do singular associada ao pronome *se*, ou de estratégias alternativas como o emprego de sintagmas ou mesmo pronomes com significação imprecisa, o PB apresenta uma construção nova que se caracteriza por apresentar verbo na terceira pessoa do singular sem a presença da partícula *se*.

O estabelecimento dessa nova estratégia de indeterminação foi analisado como sendo resultado de uma confluência de fatores como a alteração no Parâmetro do Sujeito Nulo devido à perda da concordância, a perda dos clíticos nessa língua e a rigidificação da ordem sujeito-verbo-objeto, associados a uma interpretação indeterminada para as estruturas com voz passiva sintética no português.

Constatamos que a composição da nova estrutura envolve um *pro* argumental com referência arbitrária cuja interpretação se mostra ora genérica com verbo no presente do indicativo, ora episódica com verbos no pretérito perfeito.

De toda essa discussão, algumas questões ainda nos parecem pouco claras, como por exemplo o fato de construções como as que se põem em foco neste estudo só serem possíveis com verbos transitivos diretos. Verbos transitivos indiretos inviabilizam por completo a construção, como o que se pode ver a seguir:

- (28) a. *Gosta de morango naquela casa.
b. *Conversou com ela ontem.
c. *Lembrou dela na festa.
d. ??Precisa de empregada⁴.

Além disso, há a questão levantada em 5, acerca da interferência da noção aspectual no tipo de leitura que se tem do evento: leitura com foco no evento ou com foco no agente. Essas questões deixamos em aberto para investigações futuras.

⁴ Comparar a perfeita gramaticalidade desse verbo no progressivo: *Tá precisando de empregada aqui*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BECHARA**, Evanildo. Moderna gramática portuguesa. 37. Ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.
- CHOMSKY**, Noam. Knowledge of language: its nature, origin and use. New York: Praeger, 1986.
- CHOMSKY**, Noam. Lectures on government and binding. Dordrecht: Foris, 1981.
- CUNHA**, Celso; **CINTRA**, Lindley. Nova gramática do português contemporâneo. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1985.
- CYRINO**, Sônia Maria Lazzarini. O Objeto nulo no Português do Brasil. Londrina, Eduel, 1997.
- CYRINO**, Sônia Maria Lazzarini. Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos. In: **ROBERTS**, Ian; **KATO**, Mary (orgs.). Português brasileiro: uma viagem diacrônica. Campinas, Editora da Unicamp, 1993, p. 163-184.
- D'ALBUQUERQUE**, Alair. A perda dos clíticos num dialeto mineiro. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1983.
- DUARTE**, Eugenia. A variação na representação do sujeito pronominal em dois tempos. In: **PAIVA**, Maria da Conceição; **DUARTE**, Eugênia (orgs.). Mudança linguística em tempo real. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003, p. 115-128.
- DUARTE**, Eugenia. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: **ROBERTS**, Ian; **KATO**, Mary (orgs.). Português brasileiro: uma viagem diacrônica. Campinas, Editora da Unicamp, 1993, p. 107-128.
- DUARTE**, Eugenia. Variação e sintaxe: clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil. Dissertação (Mestrado em Letras). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1986.
- FIGUEIREDO SILVA**, Maria Cristina. A posição sujeito no português brasileiro. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.
- GALVES**, Charlotte Ensaio sobre as gramáticas do português. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.
- KATO**, Mary The partial pro-drop nature of Brazilian Portuguese and the restricted word order. In: **KATO**, Mary; **NEGRÃO**, Esmeralda (orgs.) Brazilian Portuguese and the null subject parameter. Frankfurt: Vervuert-Iberoamericana, 2000, p. 223-258.
- KATO**, Mary Weak and strong pronominals in Brazilian Portuguese. *Probus*, vol 2, p. 1-37, 1999.
- KURY**, Adriano da Gama. Novas lições de análise sintática. São Paulo: Ática, 1990.
- LIGHTFOOT**, David. The development of language: acquisition, change and evolution. Oxford: Blackwell, 1999.
- LOPES**, Regina Célia. A inserção de você no quadro pronominal do português. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1999.

MODESTO, Marcello. Sujeitos nulos em línguas de tópico proeminente. *Revista da Abralín* vol. 3, n. 1-2, p.121-148, 2004.

NUNES, Jairo. A phonological hypothesis about clitic disappearance in Brazilian Portuguese. University of Maryland, 1991.

NUNES, Jairo. Direção de cliticização, objeto nulo e pronome tônico na posição de objeto em português brasileiro. In: **ROBERTS**, Ian; **KATO**, Mary (orgs.) *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas, Editora da Unicamp, 1993, p. 207-222.

OLIVEIRA, Marilza. Análise do preenchimento do sujeito no português do Brasil. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas, 1990.

OMENA, Nelize. A referência à primeira pessoa do plural: variação ou mudança? In: **PAIVA**, Maria da Conceição; **DUARTE**, Eugênia (orgs.). *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003, p. 60-83

OMENA, Nelize; **BRAGA**, Maria Luiza. A gente está se gramaticalizando? In: **MACEDO**, Alzira Tavares et alii (org.) *Variação e discurso*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1996, p. 75-83.

PAGOTTO, Emílio. Clítico, mudança e seleção natural. In: **ROBERTS**, Ian; **KATO**, Mary (orgs.) *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas, Editora da Unicamp, 1993, p. 185-206.

PILATI, Eloísa. Aspectos sintáticos e semânticos das orações com ordem verbo-sujeito no português do Brasil. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade de Brasília, 2006.

PILATI, Eloísa. Sobre a ordem verbo-sujeito no português do Brasil. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade de Brasília, 2002.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

RODRIGUES, Cilene Brazilian Portuguese and Finish referential null subjects. *Revista da Abralín* vol. 3, n. 1-2, p. 75-119, 2004b.

RODRIGUES, Cilene Weak morphology and A-movement out of case domains. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade de Maryland, College Park, 2004a.

Recebido em 30/09/2009

Aceito em 07/11/2009